

Sujeito e Identidade na Análise do Discurso

Subject and Identity in Discourse Analysis

Sujeto e Identidad en el Análisis del Discurso

Recebido: 18/09/2020 | Revisado: 20/09/2020 | Aceito: 29/09/2020 | Publicado: 30/09/2020

*As identidades são as posições que o sujeito
é obrigado a assumir.*

Stuart Hall

Welisson Marques

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6766-4651>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro, Brasil

E-mail: welissonmarques@iftm.edu.br

Otaviano José Pereira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6598-7702>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro, Brasil

E-mail: otavianopereira@iftm.edu.br

Resumo

Este artigo, de cunho teórico-reflexivo, propõe discorrer sobre o trajeto histórico-epistemológico da noção de sujeito no interior da Análise do Discurso de linha francesa (AD). Em razão da heterogeneidade que circunda tal sintagma, a AD sobre a qual nos referimos é aquela que orbita em torno dos estudos de Michel Pêcheux ([1975] 1988) e cujo percurso constitutivo recorre, também, às contribuições de Michel Foucault ([1969] 1995) e Authier-Revuz ([1982] 2004, [1983] 1990). Ademais, por ser uma disciplina interdisciplinar e, portanto, dialogar com outros campos do saber, discorreremos sobre a noção de identidade sob os postulados dos estudos culturais contemporâneos (Bauman, 2005; Hall, 2006, 2007; Silva, 2007; Woodward, 2007) e como este conceito coaduna com a noção de sujeito sob a perspectiva discursiva. Tais articulações servem como ferramenta profícua para pesquisas em AD, cujas análises de *corpora* lidam direta ou indiretamente com o sujeito discursivo.

Palavras-chave: Sujeito; Identidade; Discurso; Sentido; Heterogeneidades.

Abstract

This article of theoretical-reflexive basis proposes to analyze the historical and epistemological trajectory of the notion of subject inside the French Discourse Analysis theory (DA, from now on). Due to the fact of the heterogeneity which involves this term, the DA which we refer to is that around the studies of the French philosopher Michel Pêcheux ([1975] 1988), and whose constitution receives the useful contributions of Michel Foucault ([1969] 1995) and Authier-Revuz ([1982] 2004, [1983] 1990). Furthermore, as it is an interdisciplinary subject and, thus, makes connections with other fields of study, we will deal with the notion of identity following the contemporary cultural studies (according to Bauman, 2005; Hall, 2006, 2007; Silva, 2007; Woodward, 2007) and how this concept contributes with the subject in the discursive perspective. These articulations serve as a useful tool for researches in DA, whose analysis of *corpora* deal with the discursive subject directly or indirectly.

Keywords: Subject; Identity; Discourse; Meaning; Heterogeneities.

Resumen

Este artículo, de carácter teórico-reflexivo, se propone discutir la trayectoria histórico-epistemológica de la noción de sujeto dentro del Análisis del Discurso francés (AD). Debido a la heterogeneidad que envuelve esta frase, la AD a la que nos referimos es la que orbita alrededor de los estudios de Michel Pêcheux ([1975] 1988) y cuya trayectoria constitutiva también utiliza las aportaciones de Michel Foucault ([1969] 1995) y Authier-Revuz ([1982] 2004, [1983] 1990). Además, al ser una disciplina interdisciplinar y, por tanto, dialogar con otros campos del conocimiento, discutiremos la noción de identidad bajo los postulados de los estudios culturales contemporáneos (Bauman, 2005; Hall, 2006, 2007; Silva, 2007; Woodward, 2007) y cómo este concepto es consistente con la noción de sujeto bajo la perspectiva discursiva. Tales articulaciones sirven como una herramienta útil para la investigación en EA, cuyos análisis de corpus tratan directa o indirectamente con el sujeto discursivo.

Palabras clave: Sujeto; Identidad; Discurso; Sentido; Heterogeneidades.

1. Introdução

Em primeiro lugar, propomo-nos a discutir, neste artigo, sobre a noção de sujeito segundo a perspectiva da Análise do Discurso de vertente francesa. Importa, nesta concepção, o sujeito

produzido sócio-historicamente. Em vista disso, os conflitos presentes no social, na exterioridade do sujeito revelar-se-ão em seus discursos e atestarão os lugares ocupados pelo mesmo. Imbricada a esta, discorreremos sobre o conceito de sentido. Na AD, o mesmo não é tido como fixo e imanente, mas movente e determinado pelas posições ocupadas pelo sujeito.

Definiremos, também, a noção de identidade sob o viés dos estudos culturais e que se mostra relevante uma vez que possibilita agregar elementos que coadunam com a noção de sujeito segundo a perspectiva discursiva.

A este respeito, Hall (2006) afirma, por exemplo, que a identidade é relacional e assinalada tomando a si próprio como referência. Por extensão, compreende-se que o sujeito toma o outro (e não apenas a si mesmo) como lugar referencial, construindo lugares e posições para si. Neste ínterim, a demarcação de “fronteiras” constituídas tanto pelas relações, quanto pelas diferenças permitem-nos compreender a construção identitária de dado sujeito em um *corpus* específico.

2. Metodologia

Este artigo, de abordagem qualitativa e de cunho teórico-reflexivo, propõe discorrer sobre o trajeto histórico-epistemológico da noção de sujeito no interior da Análise do Discurso de linha francesa (AD). Em razão da heterogeneidade que circunda tal sintagma, a AD sobre a qual nos referimos é aquela que orbita em torno dos estudos de Michel Pêcheux ([1975] 1988) e cujo percurso constitutivo recorre, também, às contribuições de Michel Foucault ([1969] 1995) e Authier-Revuz ([1982] 2004, [1983] 1990).

Sendo assim, este artigo apresenta metodologia exploratória e de cunho estritamente bibliográfico. Ademais, por ser uma disciplina interdisciplinar e, portanto, dialogar com outros campos do saber, discorreremos sobre a noção de identidade sob os postulados dos estudos culturais contemporâneos (Bauman, 2005; Hall, 2006, 2007; Silva, 2007; Woodward, 2007) e como este conceito coaduna com a noção de sujeito sob a perspectiva discursiva. Tais articulações servem como ferramenta profícua para pesquisas em AD, cujas análises de *corpora* lidam direta ou indiretamente com o sujeito discursivo.

3. Sujeito e sentido na Análise do Discurso

Neste tópico, discorreremos sobre a teoria do discurso com fulcro em Michel Pêcheux ([1969] 1990; [1975] 1988; [1983] 2003) e como as noções de sujeito e sentido se desenvolvem no percurso teórico-epistemológico desse procedimento de análise. Para efetuar esse trajeto, pautar-nos-emos nas três obras que são, ao nosso entender, as principais do autor: *Por uma análise automática dos*

discursos, Semântica e Discurso – uma crítica à afirmação do óbvio e Discurso: Estrutura ou Acontecimento.

Para se constituir a Análise do Discurso, Pêcheux toca no ponto nevrálgico da linguística, a semântica, que lida com os processos de significação e abarca resíduos suspensos por Saussure ([1916] 1971) na propositura de uma ciência que estabelece o que o linguista faz.

Pêcheux critica os semanticistas pelo fato destes tentarem explicar os enunciados por meio da lógica ou do cálculo, buscando uma homogeneização dos sentidos. O pai da AD não ignora o fato de já haver tentativas de incluir esses resíduos nesses estudos. Na verdade, a enunciação benvenistiana (que já possibilitava ao linguista lidar com alguns desses “resíduos”) já havia sido elaborada, mas Pêcheux tinha mais em mente: trabalhar a problemática do sentido em um novo patamar. Em sua célebre definição sobre o sentido de uma palavra, afirma que o mesmo "não existe 'em si mesmo', isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante, mas, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras e expressões são produzidas” (Pêcheux, [1975] 1988, p.160). De tal sorte, as condições histórico-sociais não podem ser desprezadas, ao contrário, se enlaçam às significações e são constitutivas dos sentidos.

Suas articulações envolvem o materialismo histórico marxista, compreendido como a teoria que trata da ideologia com a Linguística que lida com os mecanismos sintáticos e os processos de enunciação. Nestes moldes a teoria do discurso é o lugar onde se intrincam língua, sujeito e história. Todos esses elementos formam uma rede conceitual em que os sentidos se imbricam aos lugares ocupados pelos sujeitos e que são ideologicamente marcados.

Para fundamentar este conceito (sentido), Pêcheux ([1975] 1988) demonstra inquietude diante do fato de que o significado das palavras esteja intrincado a uma concepção sistêmica e estruturalista. Conforme assinalamos, suas críticas se voltam contra os semanticistas em virtude de os mesmos buscarem uma homogeneização semântica e ignorarem elementos indispensáveis envolvidos no ato enunciativo, como é o caso da semântica estrutural em que há o apagamento da ideologia e da história.

O sujeito, sob a ótica materialista pecheutiana, tem lugar no social, não como um ser empírico, individualizado, mas um ser que ocupa uma posição sociohistórica e ideológica. Nessa perspectiva, há um rompimento com a noção de língua enquanto sistema ou estrutura; a língua materializa o discurso e traz a ideologia em si.

Pautado em Schaff (1969), Pêcheux elucida a importância do sociohistórico como forma de compreender o enunciado, pois para ambos os aspectos pragmáticos e funcionais devem ser levados em consideração quando se trata dos processos semânticos. Eis o ponto de partida para a teoria do discurso: reconhecer a semântica como ponto nodal das contradições da Linguística e como ela está ligada à filosofia por meio do materialismo histórico marxista.

Nesse contexto, norteado pela relação da língua com a história e com os sujeitos falantes, emerge o materialismo histórico, conforme observamos, e a propositura de formular uma teoria que consiga explicar os processos semânticos não mais à luz da lógica-estrutural, pois ao mesmo tempo

que a língua faz parte de um sistema, ela também é histórica: “nessa medida, e especialmente no que diz respeito à ‘Semântica’, o estruturalismo linguístico não pode deixar de desembocar em um *estruturalismo filosófico* que tenta abarcar no explicável o resíduo inexplicável” (Pêcheux, *Ibidem*, p. 23).

Em comentários posteriores¹, referindo-se a essa “objetividade minuciosa”, vemos urgir em Pêcheux aquilo que o inquieta: o que é tido como falta, deficiência, carência, ou mesmo paralisia na análise linguística de textos de sua época, que conduzia, até mesmo, à criação de uma “*prótese teórico-técnica*” para tentar resolver o problema do apagamento da ideologia (*Ibidem*, p. 22).

Sendo assim, adentrar a noção de sentido é romper com a perspectiva lógico-estrutural. A classe social, a interpelação cultural e sócio-histórica do sujeito são elementos determinantes dos sentidos.

o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc. [...], não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas. [...] Poderíamos resumir essa tese dizendo: as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam. (Pêcheux, [1975] 1988, p. 160)

Em outras palavras, o sujeito discursivo mobiliza determinadas formas lexicais (e materiais, pensando em outros tipos de materialidades discursivas) para evidenciar sua tomada de posição enunciativa, “o que quer dizer que elas (as palavras) adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem” (Pêcheux, [1975] 1988, p. 160).

Nesse ínterim, o sujeito em AD se inscreve enunciativamente em dado lugar, pois, ao enunciar, manifesta-se inscrito em determinada formação discursiva (FD): “chamaremos, então, formação discursiva, aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito” (*Ibidem*, 160-161).

Isso equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas: retomando os termos que introduzimos acima e aplicando-os ao ponto específico da materialidade do discurso e do sentido, diremos que os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhe são correspondentes. (Pêcheux, [1975] 1988, p. 160-161)

¹ Referimo-nos aqui ao texto originalmente publicado em 1981 prefaciando o livro de Courtine (2009) sobre o discurso comunista endereçado aos cristãos.

A FD é, portanto, um lugar de construção de sentidos, posto que as palavras e expressões não têm sentido em si mesmas; o sentido é determinado pelas posições ideológicas em jogo no processo sócio-histórico.

Foucault ([1969] 1995) a seu turno, argumenta que uma formação discursiva existe quando um número de enunciados puderem ser agrupados e definidos por certo princípio de regularidade, seja ele de objetos, conceitos, tipos de enunciação ou escolhas temáticas. Portanto, o sentido de uma palavra muda conforme a formação discursiva em que ela é proferida. Dito de outra maneira, uma formação discursiva determina o sentido das palavras de modo que para se analisar a constituição de dado sujeito por meio de um *corpus*, faz-se necessário compreender os enunciados nele presentes e quais formações discursivas eles integram.

No interior da AD, entende-se, portanto, que os processos semânticos são construídos por determinações históricas e que os enunciados buscam na exterioridade do texto, atravessada por suas condições de produção, utilizando-se dos conceitos de ideologia, história e linguagem, elementos constitutivos dos sentidos. Ademais, a AD mantém diálogos com outras teorias e campos do saber. Nesse ínterim, verifica-se, *verbi gratia*, como o conceito de identidade, postulado pelas pesquisas culturais da atualidade corrobora a noção de sujeito segundo a linha francesa do discurso.

4. Identidade e Sujeito

Para Hall (2007), a noção de identidade tem sido discutida em várias áreas do saber e em todas elas existe a crítica a uma identidade integral, unificada, originária. De modo correlato, no interior dos estudos sociológicos, a identidade não é mais tida como fixa, coerente e estável, mas fragmentada e multifacetada. Há, portanto, uma “crise de identidades”, resultado das mudanças na sociedade moderna. Portanto, para este autor, existem diferentes concepções de identidade.

A primeira, denominada iluminista, é aquela em que o indivíduo era totalmente centrado, dotado de razão, sendo o “centro” de suas decisões e discursos, capaz de escolha e possuidor de uma internalidade reguladora face ao que lhe é exterior. Era um indivíduo imutável no sentido de que possuiria uma identidade fixa e permanente ao longo de sua existência.

Outra concepção – a sociológica – define-se como aquela em que a identidade é o produto do “eu real”, de um núcleo subjetivo clivado na interação com o mundo exterior. Nesta concepção, o sujeito se constitui a partir do preenchimento de espaços de um mundo interior e um mundo exterior imaginários.

Todavia, devido às mudanças estruturais e institucionais, “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, tornou-se fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (Hall, 2006, p. 12). Dessa maneira, o sujeito que antes tinha uma identidade única ou “individualizada” agora é fragmentado,

composto de inúmeras identidades². Nasce, portanto, o sujeito pós-moderno.

Isto posto, verificamos a relação desse último, do sujeito pós-moderno, com o sujeito da Análise do Discurso que, como lembra-nos Fernandes, refere-se a “um sujeito inserido em uma conjuntura sociohistórica e ideológica e cuja voz é composta por um conjunto de vozes sociais. Compreendê-lo, portanto, requer compreender quais vozes sociais se fazem presentes em sua voz” (2007, p. 35-36).

Pela abordagem discursiva, a identidade é sempre vista em construção, sempre em processo, nunca completamente ajustada. Longe de ser pensada como um núcleo estável, como um “mesmo” que não sofre mutações, ela deve ser compreendida como um “eu” coletivo.

Feitas essas considerações, compreendemos que essa mudança de paradigma na identidade do sujeito está ligada a uma ruptura no campo sociológico: a sociedade não é mais vista como um todo unificado e bem delimitado, nem possui um ponto referencial como núcleo, “as sociedades modernas não têm nenhum centro, nenhum princípio articulador ou organizador, único e não se desenvolvem de acordo com o desdobramento de uma única ‘causa’ ou ‘lei’” (HALL, 2006, p. 16).

Dessa maneira, o descentramento do sujeito cartesiano não se deu de imediato, mas a partir de deslocamentos de um núcleo de poder para vários outros, pois a sociedade não é regulada por um centro único e homogêneo, conforme assinalamos anteriormente, mas por vários órgãos e instituições. Isso faz com que este sujeito pós-moderno se encontre inserido em conjunturas sociais de diversas naturezas (educacional, trabalhista, religiosa, etc.), sendo participante de inúmeras atividades no seio da sociedade e, por isso, se constitua por identidades fragmentadas. Há, portanto, uma ruptura com o paradigma de sociedade unificada e bem delimitada; por conseguinte, como existem diversos núcleos de poder operando a todo instante, o resultado é a fragmentação de identidade dos indivíduos.

Nessa vertente, Bauman (2005) afirma que em uma época líquido-moderna as identidades apresentam múltiplas facetas, são transitórias e instáveis. Há identidades que são expostas e outras que são escondidas “sempre há alguma coisa a explicar, desculpar, esconder, ou, pelo contrário, corajosamente ostentar, negociar, oferecer e barganhar. Há diferenças a serem atenuadas ou desculpadas ou, pelo contrário, ressaltadas e tornadas mais claras” (Bauman, 2005, p. 19). Dito de outro modo, malgrado haver opacidade de certos traços identitários, eles co-existem e são identificáveis: “algumas diferenças são marcadas, mas nesse processo algumas diferenças podem ser obscurecidas; por exemplo, a afirmação da identidade nacional pode omitir diferenças de classe e diferenças de gênero” (Woodward, 2007, p. 14).

A identidade pode ser comparada a um quebra-cabeça, fragmentada por possuir várias peças com a exceção de que não se sabe antecipadamente o que será formado no final: “ajustar pedaços – infinitamente – sim, não há outra coisa que se possa fazer. Mas *conseguir* ajustá-los, encontrar o

² Dentro dessa perspectiva sociológica, as declarações aqui arroladas não conduzem a um *apagamento* da possibilidade de existência de identidades heterogêneas constitutivas deste sujeito tido como “antigo”, por exemplo, mas, o que se vê é uma mudança de perspectiva teórica.

melhor ajuste que possa pôr um fim ao jogo do ajustamento? Não obrigado, é melhor viver sem isso” reitera Bauman (2005, p. 60-61, grifos do autor).

Em outros termos, Bauman está demonstrando que a identidade é complexa, heterogênea e plural. Em uma perspectiva discursiva, o sujeito apresenta as mesmas peculiaridades e se constitui na relação com o exterior, na interação com o outro, conforme assinalado anteriormente: “O sujeito não é um ponto, uma entidade homogênea, *mas o resultado de uma estrutura complexa*” (Clément *apud* Authier-Revuz, [1982] 2004, p. 65, grifo do autor).

A identidade reivindica qualidades, mas não somente, ela também é *relacional* afirma Hall (2006) ao postular como a identidade do outro é afirmada tomando a si próprio como referência. O sujeito reivindica, traz pra si, para sua identidade o que é positivo, como por exemplo, ser pertencente a uma elite, à classe alta, a um grupo que deve comandar e ditar as normas. De tal sorte, a identidade é assinalada na relação com o outro, com o qual ele se (des)identifica, aceitando-o ou excluindo-o.

A identidade é, também, assinalada pela *diferença* (Silva, 2007). Na verdade, a identidade possui a característica de ambivalência, pois nas práticas de significação, se liga à diferença, envolvendo o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de efeitos de fronteiras. Dito de outro modo, para que se compreenda seu processo é preciso verificar o que é deixado de fora, o que lhe é exterior, e que ajuda a compreender sua constituição. Seu funcionamento se efetua dentro do discurso, sendo que aspectos da identidade do sujeito podem ser compreendidos por meio de seus dizeres.

Identidade e diferença partem de uma concepção estruturalista, mais especificamente da teoria do valor saussuriano, para a qual o valor de uma unidade está sempre em relação e oposição aos demais elementos do sistema. Deslocado para o campo sociológico, a identidade é marcada em sua relação de oposição com o outro: “o exemplo da identidade e da diferença cultural, a declaração de identidade ‘sou brasileiro’, ou seja, a identidade brasileira, carrega, contém em si mesma, o traço do outro, da diferença – ‘não sou italiano’, ‘não sou chinês’, etc. A mesmidade (ou a identidade) porta sempre o traço da outridade (ou da diferença)” (Silva, 2007, p. 79). Desse modo, um sujeito em análise, inscrito em dado lugar sociohistórico, revela-se em oposição a outros sujeitos.

É relevante salientar, também, como elementos históricos (do passado) não somente estabelecem, bem como reforçam a identidade no presente, e constroem, nesse processo, novas identidades. Como ressaltamos, as mudanças sociais corroboram a fragmentação de identidades do sujeito, identidades essas que são antagônicas e produzem diferentes “posições de sujeito”, ou seja, identidades para os indivíduos (Hall, 2006, p. 17). No entanto, o deslocamento de concepções do sujeito iluminista até se chegar ao pós-moderno não ocorreu de imediato, mas se deu em um longo processo histórico. Nesse sentido, podemos citar três notáveis pensadores que contribuíram para que essa ruptura ocorresse: Marx, Freud e Saussure.

As reflexões de Karl Marx, considerado o maior filósofo de todos os tempos³, influenciaram diversas áreas do conhecimento humano, entre elas a linguística, a psicologia e a história, campos que se entrecruzam na constituição da AD. Este filósofo alemão do século XIX era crítico do sistema político a que estava submetido e refletia sobre a sociedade capitalista de sua época. Para ele, as relações de produção e relações sociais são elementos que fundam todo o processo constitutivo da humanidade.

Assim, a autonomia de decisão ou escolha do indivíduo é deslocada para as estruturas sociais e as formas de organização de trabalho. Este é o cerne de sua proposta materialista: expurgar a ideia de homem livre e capaz de determinar suas atitudes nos diversos âmbitos sociais. Ao contrário, o sujeito, segundo ele, estava submetido às condições sociais, econômicas e políticas que lhe eram impostas, rompendo, portanto, com a concepção de sujeito cartesiano, centrado, “nuclear”.

Os estudos de Sigmund Freud também corroboram para “arrasar com o conceito de sujeito cognoscente e racional provido de uma identidade fixa e unificada” (Hall, 2006, p. 36) uma vez que em seus experimentos Freud demonstra ser a personalidade do indivíduo formada em relação com os outros, com a exterioridade. Ele explica a origem contraditória da identidade ao postular que é no exterior, através de sistemas de representação simbólicos que a personalidade é formada, sendo a fase infantil um estágio marcado por sentimentos contraditórios, antagônicos e não-resolvidos que perpassam o inconsciente e permanecem até a fase adulta, constituindo o sujeito. Além disso, segundo Freud, a identidade está sempre em formação, é inacabada, pois o indivíduo está constantemente em busca de completude.

Os escritos de Ferdinand de Saussure ([1916] 1971) também coadunam com a noção de descentramento do sujeito em virtude deste linguista conceber a língua como um sistema social. Suas reflexões arroladas no *Curso de Linguística Geral* levam-nos a compreender que ele retira do indivíduo a “autoria” da língua quando conceitua o signo, pois este é arbitrário e convencionalizado coletivamente, no social, portanto preexistente e exterior ao indivíduo.

Outra característica do signo postulado por Saussure é o fato de o mesmo ter o caráter de imutabilidade⁴: “se com relação à ideia que representa, o significante aparece como escolhido livremente, em compensação, com relação à comunidade linguística que o emprega, não é livre: é imposto” (Saussure, [1916] 1971, p. 85). Um indivíduo não tem autonomia para modificá-lo visto que as mudanças pelas quais uma língua passa dependem da sociedade, ou seja, de fatores externos ao sujeito.

³ Segundo a rede de comunicação BBC da Inglaterra, Karl Marx foi o vencedor do prêmio voto ao maior filósofo da história. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/radio4/history/inourtime/inourtime_20050714.shtml Acesso em 02/10/2009.

⁴ Paradoxalmente, o signo linguístico também possui como característica a *mutabilidade*. Todavia, essa mutação pela qual o significado passa em relação ao significante dependerá de fatores externos a um indivíduo, ou seja, da convenção coletiva. “O signo está em condições de alterar-se porque se continua. O que domina, em toda alteração, é a persistência da matéria velha; a infidelidade ao passado é apenas relativa. Eis porque o princípio de alteração se baseia no princípio de continuidade” (Saussure, [1916] 1971, p. 89).

Destarte, o conceito de sujeito na perspectiva da teoria do discurso é caudatário das reflexões desses três grandes pensadores cujas ideias causaram “rupturas nos discursos do conhecimento moderno” (Hall, 2006, p. 34), impactando as ciências humanas em geral. Nesse sentido, é impossível pensar a AD sem remontarmos a Saussure, Freud e Marx. Na verdade, esta teoria nasceu a partir da proposta pecheutiana em fundir a língua, o sujeito e a história. Tocamos neste ponto sobre o descentramento para explicitar que os sentidos produzidos pelos discursos de dado sujeito não se dão por sua vontade; não há um sujeito nuclear, produtor de sentidos, ao contrário, os efeitos de sentidos são determinados pela exterioridade.

Ademais, a releitura de Freud nas reflexões lacanianas “corroboram a compreensão do sujeito como descentrado, pois *sempre sob as palavras outras palavras são ditas*”, além disso “O sujeito tem a ilusão de ser o centro de seu dizer, pensa exercer o controle dos sentidos do que fala, mas desconhece que a exterioridade está no interior do sujeito” lembra-nos Fernandes (2007, p. 40, grifo do autor).

Por último, a noção de sujeito, como apresentada acima, sofre alguns deslocamentos teóricos no interior da AD. Estes deslocamentos se dão a partir da interpelação Foucaultiana em Pêcheux, bem como das reflexões trazidas por Authier-Revuz. Somado a isso, as reflexões lacanianas sobre o processo de interpelação que se dá no inconsciente não aparecem de imediato, mas posteriormente.

5. À Guisa de Considerações Finais

Neste artigo, propusemos discorrer sobre os conceitos de sujeito sob o viés da AD francesa e de identidade segundo os estudos culturais contemporâneos. Rompendo com a noção de língua fechada em si, Pêcheux ([1975] 1988) toma como objeto o discurso e para tal leva em conta a relação da língua com a exterioridade. O sujeito, para ele, é descentrado, pois é interpelado pela ideologia, por aquilo que lhe é exterior, como também pelo inconsciente, pelo real da língua. É no social que o sujeito se constitui e por meio da materialidade linguística se torna possível interpretar os discursos e suas ideologias.

Acreditamos que a noção de identidade advinda dos estudos culturais se mostra relevante em pesquisas neste prumo em virtude de coadunar com a noção de sujeito discursivo. Nesta perspectiva, a identidade também é fragmentada, plural, heterogênea e marcada pela diferença: “é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que ela não é, com precisamente aquilo que falta que o significado da identidade pode ser construído”; desse modo, “as identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir” (Hall, p. 110).

Referências

- Althusser, L. P. (1967/1998). *Aparelhos ideológicos de estado*. (7. ed.) Rio de Janeiro: Graal. 127 p.
- Authier-Revuz, J. (1983/1990). Heterogeneidades enunciativas. Trad. de Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. In: *Caderno de estudos linguísticos*. n. 19, Campinas. p. 25-42.
- Authier-Revuz, J. (1982/2004). Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva – elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: Authier-Revuz, Jacqueline. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDUCPUCRS. p. 11-80.
- Bauman, Z. (2005). *Identidade*. Entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 110 p.
- BBC de Londres. Recuperado de: http://www.bbc.co.uk/radio4/history/inourtime/inourtime_20050714.shtml
- Courtine, J-J. (2006). *Metamorfozes do discurso político*. Derivas da fala pública. Trad. Nilton Milanez; Carlos Piovezani Filho. São Carlos (SP): Editora Claraluz. 157 p.
- Fernandes, C. A. (2007). *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. São Carlos: Editora Claraluz. 110 p.
- Foucault, M. (1969/1995). *A arqueologia do saber*. (6. ed.) Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária. 239 p.
- Hall, S. (2007). Quem precisa da identidade? In: Silva, T. T. da (Org.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. (7. ed.) Petrópolis: Editora Vozes. p. 103-133.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz T. S.; Guacira, L. L. (7. ed.) Rio de Janeiro: DP&A. 102 p.

Marx, K. *Manifesto comunista*. Recuperado de: <http://file:///site/livros_gratis/manif_esto_comunista.htm>.

Pêcheux, M. (1975/1988). *Semântica e discurso – uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Pulcineli Orlandi *et al.* Campinas: EDUNICAMP. 317 p.

Pêcheux, M. (1969/1990). A Análise do Discurso: Três Épocas (1983). In: GADET, F. & HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: EDUNICAMP. p. 311-318.

Pêcheux, M. (1983/2002). *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. (3. ed.) Campinas: Pontes. 68 p.

Saussure, F. (1916/1971). *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix. 279 p.

Schaff, A. (1969). *Langage et connaissance*. Paris: Editions Anthropos. 372 p.

Silva, T. T. (Org.). (2007). *Identidade e diferença: perspectiva dos estudos culturais*. (7. ed.) Petrópolis: Editora Vozes. 133 p.

Woodward, K. (2007). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. (7. ed.) Petrópolis: Editora Vozes. p. 7-72.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Welisson Marques – 90%

Otaviano José Pereira – 10%